

Marta ajudou-me, esclarecendo que a hora se caracterizava por muita ansiedade no coração dos entes que me consagravam sincera estima na Terra, que inúmeros pensamentos de angústia convergiam sobre mim e, por isso, eu devia resistir, garantindo a tranquilidade própria.

Considerando o que ouvia, procurei acalmar-me.

As forças que me colhiem em cheio, insofreadas e impetuosas, surpreendiam-me, dolorosamente, qual se fôsem corrente elétrica.

Vozes imprecisas cercavam-me os ouvidos.

Onde me encontrava? entre amigos ou no centro de um redemoinho de energias desconhecidas, mais furiosas que as do vento forte?

O Irmão Andrade percebeu-me o desajustamento e sustentou-me nos braços com mais carinho e segurança.

Não ignorava que muitos amigos meus ali se encontravam; entretanto, apesar do imenso desejo de revê-los, via-me inibido de semelhante satisfação. Meus olhos se mantinham turvos e minha mente jazia atormentada.

V

Despedidas

Em muitas ocasiões colaborei nos serviços de socorro aos recém-desencarnados, mormente nas preces memorativas, mas estava longe de calcular as lutas de um "morto".

Amargurado e aflito, qual me achava, ponderei os sofrimentos dos que abandonam a experiência física sem qualquer preparação. Se eu, que consagrara longos anos aos estudos espiritualistas, encontrava óbices tão grandes, que não ocorreria aos homens comuns, que não cogitam dos problemas relativos à alma? Ali, à frente de meus próprios amigos, sentia-me num torvelinho de contraditórias sensações. Para quem apelar?

ATENÇÕES PERTURBADORAS

Marta afagou-me a cabeça exausta e pediu-me calma. Esclareceu que as dificuldades eram justas. Muita gente se despede do mundo carnal sem obstáculos e sem desagradáveis incidentes. Inúmeras almas dormem longuíssimos sonos, outras nada percebem, na inconsciência infantil em que vazam as impressões. Comigo, porém, a situação se modificava. Adestrara a mente para enfrentar a grande transição, no campo de serviço ativo a que me dedicara. Convivera com os problemas do espírito, durante muito tempo, em esforço diário. Fizera relações extensas entre encarnados e desencarna-

dos. E não poderia evitar que perante o corpo inerte se concentrassem manifestações mentais heterogêneas. Nem todos os pensamentos ali congregados traduziam amor e auxílio fraternais. As opiniões a meu respeito divergiam entre si, formando correntes de força menos simpáticas. Alguns conhecidos me atiravam flores que eu não merecia, ao passo que outros me crivavam de espinhos dilacerantes. Situava-me, pois, num quadro de impressões complexas.

As informações procediam da filha querida, em suaves esclarecimentos.

Acrescentou que não devia preocupar-me em excesso. A perturbação era passageira. Quando se dispersassem as atenções centralizadas no funeral, respiraria contente.

Contrafeito, registei as explicações, meditando no ensinamento que recebia.

A vida real para mim, agora, era a do espírito, a que recomeçava com a extinção da carcaça física.

Que desejo experimentei de materializar-me diante de todos, rogando a esmola da oração sincera! como suspirei pela concessão de uma oportunidade de solicitar desculpas pelas minhas fraquezas! Se os amigos presentes me esquecessem os erros humanos e me auxiliassem com a prece, naturalmente o equilíbrio me beneficiaria imediatamente. Vigorosos recursos me sustentariam o coração. Mas, era tarde para ensinar atitudes íntimas, de caridade e perdão.

Pensei nos que haviam partido, antes de mim, experimentando as aflições que me assaltavam, e consolei-me. E não me esqueci de que os encarnados a ajuizarem com tanta facilidade, relativamente à minha situação, também seriam chamados,

depois, à verdade espiritual, tanto quanto ocorria a mim mesmo.

Não me cabia reagir inútilmente por intermédio da angústia. O tempo é o nosso abençoado renovador.

DESLIGADO ENFIM

Mais alguns instantes escoaram difíceis, quando inopinado abalo me revolveu o ser. Supus haver sido projetado a enorme distância. O Irmão Andrade e Marta, naturalmente prevenidos, ampararam-me com mais força.

Confesso que o choque me assaltou com tão grande violência que julguei chegado o momento de "*outra morte*".

Dentro em pouco, no entanto, o coração se refez, equilibrou-se a respiração e Bezerra surgiu, sorridente, a indagar se o desligamento ocorrera normal.

Abraçaram-me os três, satisfeitos.

Explicou-me o respeitável benfeitor que, até ali, meu corpo espiritual fora como que um "*balão cativo*", mas doravante disporia de real liberdade interior. Pensaria com clareza, movimentar-me-ia sem obstáculos e deteria faculdades mais precisas.

Com efeito, não obstante sentir-me enfraquecido e sonolento, guardava mais segurança. Meus olhos e ouvidos, principalmente, registavam imagens e sons, com relativa exatidão. As perturbações da hora não me afetavam com a intensidade de minutos antes.

Esclareceu Bezerra que, na maioria dos casos, não seria possível libertar os desencarnados tão apressadamente, que a rápida solução do proble-

ma liberatório dependia, em grande parte, da vida mental e dos ideais a que se liga o homem na experiência terrestre. Recomendou-me observar por mim mesmo as transformações de que era objeto.

Examinei-me, com atenção, e reparei efetivamente que, no íntimo, me achava fortalecido e re-moçado, sem a carga de mazelas fisiológicas.

Conseguia locomover-me sem auxílio, embora imperfeitamente. Inalava o ar com alegria e Marta notou que meu júbilo seria maior e minha sensação de leveza mais fascinante, quando eu pudesse respirar o oxigênio de cima, qual nadador que bebe a água cristalina da corrente purificada, distante do tisonado líquido das margens.

Francamente, a morte do corpo fora milagroso banho de rejuvenescimento. Sentia-me alegre, robusto e feliz.

Readquirindo minhas possibilidades de analisar com exatidão, passei a refletir nos problemas de ordem material.

Como se fixaria o futuro doméstico? que providências mobilizar a benefício de todos? Tais indagações como que me requisitavam a mente a plano diverso.

Faleciam-me as forças de novo.

Bezerra percebeu o que se passava, bateu-me nos ombros amigavelmente, e aconselhou:

— Você conhece agora, mais que nunca, o poder do pensamento. Procure o Alto.

Compreendi a referência e modifiquei-me inteiramente.

EM DIFICULDADES

Reajustado, notei que podia enfrentar os conflitos da hora, sem embaraços de vulto.

O Irmão Andrade acentuou que, livre dos últi-

mos remanescentes do corpo carnal, eu conseguiria aproximar-me dos amigos, sem choques de maior importância, aconselhando, porém, a não me avizinhar em demasia das vísceras cadavéricas, em cuja contemplação talvez fôsse acometido por impressões desequilibrantes.

As novidades sucediam-se umas às outras.

Aquinhoado por visão mais segura, reparei, estupefato, que desencarnados em grande número se apinhavam ao redor.

Entidade menos simpática, quase rente a nós, dizia para outra que lhe era semelhante:

— O enterro é do velho Jacob, aquele mesmo que nos doutrinou, há tempos. Não se recorda?

— Perfeitamente — respondeu o interlocutor, gargalhando —, daria tudo para ver-lhe a “cara”.

Riram-se gostosamente.

Memória funcionando sem empecilhos, registando-lhes os apontamentos sarcásticos, localizei-os na lembrança.

Eram perseguidores de uma jovem internada numa casa de nervosos. Evoquei as particularidades da reunião em que me havia entendido com eles. Achava-me sumamente enfraquecido. Mesmo assim, gostaria de responder-lhes. Rememorei o interesse com que eu recebera a descrição da médium vidente, em relação a ambos, e confirmava, admirado, por mim mesmo, os informes com que fora apresentado. Sacrificaria muita coisa para interpelá-los, fazendo-lhes sentir o erro em que laboravam, e dispunha-me a interferir, quando o Irmão Andrade me controlou os impulsos, acrescentando:

— Não faça isso! Provocaria contenda desagradável e inútil. Além do mais, eles não nos vêem. Respiram noutra *faixa vibratória*.

Realmente, procediam como se nos não vissem.

Permaneciam junto de nós, sem perceber-nos, tanto quanto noutro tempo me movimentava, por minha vez, ao pé das entidades desencarnadas, sem notar-lhes a presença.

— Haverá tempo — frisou o amigo bondoso e calmo.

Observando-me o encorajamento, conduziram-me os três à vizinhança imediata do corpo hirto.

Não obstante as melhoras de que me sentia possuído, não consegui atravessar a *onda de força* que se improvisara ao longo dos veículos.

Desejava ardentemente penetrar o recinto doméstico e, sobretudo, espargir, sobre os entes amados que ficariam distantes, os meus pensamentos de amor, reconhecimento e esperança. Bezerra, porém, avisou prudentemente:

— Não insistamos. E' desaconselhável, por agora, a perda de reservas.

Contentei-me, buscando avistar amigos nos automóveis.

Grupinho de conhecidos atraíu-me a atenção. Avancei para eles, mas fui constrangido a afastar-me, decepcionado. Comentavam a política, em agressiva atitude. Mergulhavam a mente em disputas desnecessárias.

Pela primeira vez, verifiquei que os Espíritos inferiores não se comunicam somente nas sessões doutrinárias. A palestra, apesar de desenvolver-se discreta, apresentava notas de intercâmbio com o plano invisível, em cujos domínios ingressava eu, receoso e encantado. Um amigo expressava-se quanto aos problemas da vereança municipal, perfeitamente entrosado com uma entidade menos digna que, ali, ante meus olhos espantados, o subjugava quase que por completo, obrigando-o a proferir sentenças desrespeitosas e cruéis.

Retrocedi instintivamente.

— Você, Jacob — falou Bezerra, em tom grave —, por enquanto ainda não pode suportar estes *dardos mentais*.

Encaminhámo-nos, então, para outro ângulo da rua.

Descobri nova agremiação de pessoas às quais me afeiçoara profundamente. Busquei-lhes a companhia, ansioso, seguido de perto pelos benfeitores; contudo, outra desilusão me aguardava. Falava-se, em voz baixa, sobre as despesas prováveis com o enterramento dos meus despojos. Emitia-se julgamento apressado, envolvendo-se-me o nome em impressões desarmoniosas e rudes.

Recuei, como já o fizera.

Bezerra abraçou-me, compreensivo, e receitou paciência.

Abeirava-me de profundo desalento, quando, não longe, em certo veículo, observei a formação de lindos círculos de luz.

O Irmão Andrade, atendendo-me à indagação silenciosa, esclareceu:

— Naquele carro, temos a claridade da oração sincera.

Pedi aos protetores me auxiliassem a procurar semelhante abrigo, mais depressa.

Alcancei-o e rejubilei-me. Alguns companheiros ofertavam-me os recursos da prece santificante. Tamanho foi o meu contentamento que quase me ajoelhei, feliz.

Aquela rogativa que formulavam a Jesus, em benefício de minha paz, constituía dádiva celeste. Do pequeno conjunto emanavam energias confortadoras que me penetravam à maneira de chuva balsâmica.

A oração influenciara-me docemente.

Creio que os recém-desencarnados quase sempre necessitam do pensamento fraterno dos que se demoram no círculo carnal. Explicou Bezerra que os recém-libertos comumente precisam do socorro espiritual dos entes queridos para se desembaraçarem sem delonga dos liames que ainda os prendem à experiência material.

Com o auxílio dos que ficam, aqueles que partem seguem mais livremente ao encontro do porvir.

ANTE A NECRÓPOLE

Assistia, enfim, ao sepultamento de minhas vísceras cansadas. A solenidade, referentemente à qual tanta vez me reportara, descortinava-se-me ao olhar possuído de assombro.

De envolta com as relações afetivas do mundo, compacta assembleia de desencarnados se pôs em movimento.

Nosso grupo continuava reduzido, mas aumentara. Outros amigos se reuniram a nós, abraçando-me. Declaravam-se desejosos de me acompanhar na *passagem para a esfera próxima*.

Intensa curiosidade dominava-me as emoções, quando o cortejo estacou. Era a entrada para a necrópole, afinal.

Todo o local se enchia de *gente desencarnada*.

Francamente, intentei seguir para dentro, mas Bezerra, num abraço fraternal, recomendou, compassivo:

— Meu amigo, não tente a lição agora. Recordemos a parábola e *deixemos aos mortos o cuidado de enterrar os mortos*.

Em seguida, solicitou aos novos circunstantes nos deixassem a sós, até o instante da retirada definitiva.

Percebendo-me o desapontamento, observou-me, bem humorado:

— Jacob, você não sabe o que está desejando. Por enquanto, os enterros muito concorridos impõem grandes perturbações à alma. Além disso, não desconhece que as vibrações daqueles que o amam procurá-lo-ão em qualquer parte.

Em virtude do parecer respeitável, afastei-me do corpo morto, no momento em que penetrava a nova moradia.